

MEMORIAL BIOGRÁFICO DE LÍDERES QUILOMBOLAS

RÉGIO, Fabiana Silva do Nascimento¹

ALENCAR, Maria do Socorro Oliveira de²

RODRIGUES, Rosanilda de Lima³

Orientadora: Patrícia Barreto da Silva Carvalho⁴

RESUMO

O presente estudo investigou a história de resistência de mulheres líderes de quilombo. Para isso realizou-se o levantamento de biografias de mulheres quilombolas que contribuíram desde a história do processo remotos de lutas da escravidão até os dias atuais. Este trabalho tem como objetivo o levantamento biográfico de três mulheres quilombolas e que são resistência em seus territórios: Gorete Martins de Chã dos Negros, Valdeane Macedo de Nego do osso e Marcia Maria do quilombo de Angico em Bom Conselho-PE.

Palavras chave: Mulheres Negras, Quilombos, Resistência.

1 INTRODUÇÃO

A escravidão no Brasil, que perdurou por mais de três séculos, de 1500 a 1888, foi um dos capítulos mais sombrios da história do país. Estima-se que milhões de africanos foram trazidos à força para trabalhar nas plantações de açúcar, café e em diversas outras atividades, sendo submetidos a condições desumanas e a uma

¹ Discente do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista. E-mail:fabianaregio59@gmail.com

² Discente do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista. E-mail:SOCALENCAR@hotmail.com

³ Discente do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Intercultural Indígena-Quilombola Antirracista. E-mail: rosannylda02@gmail.com

⁴ Docente EBT do Instituto Federal de Pernambuco, Campus Garanhuns. E-mail:patricia.carvalho@garanhuns.ifpe.edu.br

total desconsideração de sua dignidade e direitos. Nesse contexto opressivo, as mulheres desempenharam um papel fundamental na luta pela liberdade e na resistência contra a escravidão.

As mulheres, tanto escravizadas quanto livres, se destacaram em diversas frentes. Muitas delas, mesmo sob o peso da opressão, organizaram e participaram de revoltas, como a Revolta dos Malês e a Revolta de Canudos, e se tornaram líderes em seus quilombos, comunidades formadas por fugidos e resistentes. Além disso, as mulheres escravizadas frequentemente exercitavam formas de resistência cotidiana, utilizando sua criatividade e força para subverter as relações de poder e preservar suas culturas e tradições.

A presença feminina na luta pela abolição também se manifestou em atividades de conscientização e mobilização social, como a formação de associações e a participação em campanhas abolicionistas. A contribuição dessas mulheres, muitas vezes esquecidas nas narrativas históricas, como diz Grada Kilomba (2019) nos fala de uma história “de língua interrompidas, idiomas impostos, discursos impedidos.” Toda essa luta foi crucial para a construção de um movimento que culminaria na assinatura da Lei Áurea em 1888, que aboliu oficialmente a escravidão no Brasil. Reconhecer e valorizar a importância das mulheres nesse contexto é fundamental para entender a complexidade da luta pela liberdade e a formação da identidade brasileira.

As mulheres negras lutaram e foram a resistência, temos nomes marcantes no decorrer dos tempos que deram grandes passos para sua época, e nos dias atuais temos essa força representada na figuras dessas três mulheres: Gorete, Valdeane e Márcia.

A pesquisa biográfica dessas mulheres, também é sobre apagamento de gênero. E é fundamental para entender as dinâmicas sociais que perpetuam essas desigualdades. Além disso, esse estudo pode contribuir para a construção de políticas públicas mais inclusivas e sensíveis às especificidades dessas mulheres, promovendo sua autonomia, empoderamento e reconhecimento de seus direitos. Ao abordar o tema, buscamos não apenas evidenciar as lutas e conquistas dessas

mulheres, mas também promover um diálogo sobre a interseccionalidade entre raça, gênero e classe social. Acreditamos que a visibilidade das experiências das mulheres quilombolas pode inspirar ações e movimentos que visem à justiça social e à equidade. Portanto, este TCC não apenas se propõe a investigar a vida dessas mulheres, tema relevante, mas também a contribuir para a valorização e o reconhecimento das mulheres quilombolas, suas histórias e suas lutas, promovendo uma reflexão crítica sobre a importância da diversidade e da inclusão na sociedade contemporânea.

A pesquisa ora pretende surgir a partir de algumas inquietações como: Qual é o papel dessas mulheres quilombolas em seus territórios? O que fazem para resistirem? Como elas se representam?

O objetivo geral desta pesquisa se propõe em conhecer o papel e a relevância da história de líderes quilombolas do agreste pernambucano. Temos como ponto chave entender e conhecer as histórias; apreender a relevância do resgate dessas memórias, como luta e resistência.

A abordagem metodológica empregada foi de natureza qualitativa centrada em estudos bibliográficos, pois permite um entendimento aprofundado do tema em estudo. Essa metodologia está fundamentada a partir da pesquisa qualitativa, aquela que busca entender um fenômeno específico em profundidade. Ao contrário de estatísticas, regras e outras generalizações, ela trabalha com descrições, comparações e interpretações. Portanto, é mais participativa e menos controlável, dados que os participantes podem direcionar o rumo em suas interações com o pesquisador.

A pesquisa faz parte de um estudo das biografias pesquisadas, buscando fazer um resgate de memória das histórias das mulheres quilombolas, como luta e resistência do seu povo a partir de narrativas contadas por elas mesmas. Temos uma interdisciplinaridade presente no estudo, pois iremos buscar atrelar as vivências e as escrevivências de cada uma à ancestralidade dos povos que elas representam.

Nosso trabalho está fundamentado em tópicos para melhor explicar e argumentar sobre a pesquisa realizada, detalharemos este artigo em: epistemologia

anticolonial e reexistência quilombola, em seguida abordaremos as mulheres e quilombolas: gênero, liderança e resistência, mais adiante falaremos sobre Memorial Biográfico e Pedagogia da Alternância: entre memória, território e emancipação fechando a primeira parte deste trabalho. No segundo momento teremos a metodologia em forma de bibliográfica contendo as memórias das mulheres negras quilombolas.

2 EPISTEMOLOGIA ANTICOLONIAL E REEXISTÊNCIA QUILOMBOLA

A epistemologia anticolonial refere-se às formas de conhecimento e saber que emergem a partir das estruturas de poder e dominação estabelecidas durante o colonialismo. Essa abordagem crítica investiga como os saberes tradicionais e as práticas culturais de povos indígenas e comunidades afrodescendentes, como os quilombolas, foram sistematicamente deslegitimados e silenciados em favor de uma perspectiva eurocêntrica. No Brasil, os quilombos representam não apenas um espaço físico, mas também um espaço de resistência cultural, social e política. As comunidades quilombolas são fruto da luta e da resiliência de africanos escravizados que conseguiram escapar e construir suas próprias formas de vida, preservando tradições, idiomas e saberes que desafiam a narrativa colonial. A resistência quilombola, portanto, não se limita à luta contra a exploração e a marginalização, mas também envolve a valorização de uma epistemologia própria que reconhece a interconexão entre o ser humano e a natureza, além da sabedoria coletiva.

Essa resistência se manifesta de diversas formas, desde a preservação de práticas agrícolas tradicionais até a revitalização de rituais e modos de vida que afirmam a identidade quilombola. Além disso, as comunidades quilombolas têm se mobilizado para garantir direitos territoriais, buscando reconhecimento legal e proteção de suas terras, que são fundamentais para a manutenção de suas culturas e modos de vida.

A construção de uma epistemologia quilombola é, portanto, um ato de resistência contra a epistemologia colonial. Essa nova forma de conhecimento propõe uma visão de mundo que valoriza as experiências e saberes dos povos

marginalizados, reconhecendo a importância da diversidade cultural e das diferentes formas de conhecimento que existem no mundo. Ao afirmar suas narrativas e práticas, as comunidades quilombolas não apenas desafiam as estruturas de opressão, mas também contribuem para a construção de um futuro mais justo e igualitário, onde todos os saberes são respeitados e valorizados.

Assim, a luta pela valorização da epistemologia quilombola e a resistência contra a epistemologia colonial se entrelaçam, formando um potente movimento por justiça social e reconhecimento cultural que ecoa não apenas no Brasil, mas em todo o mundo.

3 MULHERES NEGRAS E QUILOMBOLAS: GÊNERO, LIDERANÇA E RESISTÊNCIA

Na perspectiva de gênero, raça e classe e território, algumas conquistas no campo dos direitos foram alcançadas pelas mulheres negras, a partir de resistência e lideranças em grandes lutas dentro dos seus territórios. Essa trajetória foi marcada por diversos movimentos, porém apagados da história, quando falamos de movimentos negros lembramos da interseccionalidade que buscava as articulações entre diferentes categorias sociais, como gênero, raça e território buscando articular as experiências e a identidade das pessoas. A partir dessa temática começaram as evoluções e as citações de mulheres buscando seus espaços de poder como resistência desde o voto, até ocuparam cargos públicos. Os caminhos trilhados por mulheres negras para a sua subjetivação passaram por diversas estratégias interseccionais. A consciência das multiplicidades de experiências que existem nesses grupos exigiu um fazer político diferente do que o sistema foi imposto, aqueles que as mulheres brancas dominavam seus discursos sem se questionar se as suas perspectivas atendiam a todo grupo de mulheres no seu coletivo. As diferenças de classe, gênero, sexualidade, origem, idade e condição física são frequentemente observadas pelas mulheres negras no seu fazer ativista. A interseccionalidade está ligada inteiramente como responsável por impor maior vulnerabilidade social às mulheres negras, de classe socialmente desfavorecida.

As mulheres negras sofrem opressões devido a seu gênero, sua cor e seus territórios, tiveram que lutar arduamente para conseguir seus espaços de poder, existindo para resistir. Foram lideranças em diferentes frentes, como Valdeane, Maria Gorete, Márcia do Angico dentre outras mulheres negras e quilombolas, lutam com as armas que poderiam ter, desde o trabalho para sobrevivência de alimento até ser guerreira ao lado dos seu povo, abrindo caminhos para outras mulheres na própria comunidade serem resistência para sua sobrevivência.

Falando sobre o papel da mulher negra na história do seu povo como forma de resistir à existência, lembramos das vivências, das escrevivência e ancestralidade que foram apagadas ao longo da história pelo o poder dominante do eurocentrismo. Vemos claramente que aqualtune, Dandara e outras mulheres não se fizeram presente em livro como mulheres guerreiras, mas que exerceram atividades equivalentes às funções dos homens no transporte de pólvora e armamentos, no combate, construindo estratégias de defesa, orientando, liderando as inúmeras batalhas contra os opressores. Que se fizeram presentes e assumiram o comando do quilombo e ocuparam um importante mocambo que conciliou a união entre negros (pretos, pardos) e indígenas, devido orientar e guiar o povo negro contra a escravização, ao mesmo tempo, tratar sobre alguns problemas de ordem familiar, como também, questões político-militares. Todos esses detalhamentos sobre essas mulheres foram apagados dos registros das memórias de um povo.

4 MEMORIAL BIOGRÁFICO E PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: ENTRE MEMÓRIA, TERRITÓRIO E EMANCIPAÇÃO

O memorial biográfico, quando compreendido a partir de uma perspectiva decolonial, revela-se como uma ferramenta política e pedagógica potente para o reconhecimento e a valorização de sujeitos históricos negros, especialmente mulheres quilombolas que, por séculos, tiveram suas vozes silenciadas pelos registros oficiais da história. Mais do que um gênero narrativo, o memorial é um território de saber, onde a memória individual se entrelaça à memória coletiva,

produzindo sentidos que afirmam a dignidade, a ancestralidade e a resistência desses sujeitos.

Nessa abordagem, a oralidade se apresenta não apenas como um recurso metodológico, mas como uma epistemologia própria, herdeira das tradições africanas e afro-brasileiras. Escutar as histórias de vida de mulheres como Aqualtune, Dandara e lideranças contemporâneas quilombolas é romper com a lógica escrita e eurocentrada que desautoriza o saber falado, vivido e transmitido em redes de afeto e pertencimento. Ao valorizar a oralidade, a pesquisa adota um posicionamento ético-político que reconhece os saberes do território como legítimos e necessários para a construção de outras narrativas possíveis sobre o passado e o presente.

Nesse sentido, o memorial biográfico se constrói como prática de autoria compartilhada, em que a escuta ativa e respeitosa se alia à coautoria dos sujeitos entrevistados na reconstrução de suas trajetórias. Cada biografia emerge, assim, como um processo coletivo de rememoração e reexistência, em que as mulheres quilombolas são reconhecidas não apenas como fontes, mas como sujeitas produtoras de conhecimento. O memorial, portanto, é ato de reconhecimento, de inscrição no tempo e na história, e de reafirmação de identidades atravessadas por opressões, mas também por potentes estratégias de sobrevivência e reinvenção.

A articulação dessa abordagem memorial com a pedagogia da alternância potencializa ainda mais os efeitos formativos e emancipatórios da pesquisa. Concebida em diálogo com os princípios de Paulo Freire e com práticas educativas voltadas para os contextos do campo e dos povos tradicionais, a pedagogia da alternância propõe uma educação enraizada nos territórios, marcada pela alternância entre tempos/escola e tempos/comunidade. Essa pedagogia parte do pressuposto de que é no cotidiano das famílias, das práticas culturais e do trabalho coletivo que os sujeitos constroem saberes significativos.

Como destacam autores como Maria do Socorro Brandão e Bernard Charlot, a alternância promove uma formação integral que respeita os saberes locais e que

não dissocia a vida da escola da vida do território. Assim, ao se valer do memorial biográfico em uma lógica de alternância, o trabalho propõe um movimento duplo: retornar ao território para escutar e aprender, e voltar ao espaço formativo para sistematizar, refletir e transformar. Essa dinâmica fortalece a identidade quilombola, reconhece o papel central das mulheres na manutenção da cultura e da organização comunitária, e transforma a própria pesquisa em um ato educativo, no qual todos os envolvidos aprendem com a história viva das heroínas da resistência.

Por fim, ao entrelaçar memorial biográfico e pedagogia da alternância, este trabalho afirma que a educação quilombola — para ser justa e significativa — precisa nascer do chão em que pisa, das histórias que carrega e das vozes que historicamente foram caladas, mas que agora se levantam para narrar e reconstruir suas próprias existências.

5. METODOLOGIA

Este trabalho assume uma abordagem qualitativa de natureza descritivo-interpretativa, orientada pela perspectiva decolonial e pelos princípios da pedagogia da alternância. O objetivo é promover o resgate e a valorização dos saberes e vivências de mulheres quilombolas líderes, por meio da construção de memoriais biográficos que enfatizem suas trajetórias de resistência, liderança comunitária e ancestralidade.

5.1. Fundamentação Epistemológica

A metodologia adotada parte da epistemologia anticolonial, conforme proposto por autores como Aníbal Quijano, Catherine Walsh e Boaventura de Sousa Santos, reconhecendo os saberes subalternizados das populações negras e quilombolas como legítimos e necessários para a construção de uma ciência plural. Dessa forma, a pesquisa rompe com o paradigma eurocêntrico, ao valorizar a oralidade, a memória coletiva e os modos de existência e resistência próprios das comunidades quilombolas.

5.2. Abordagem Metodológica: Pesquisa Narrativa e Memorial Biográfico

O método utilizado foi a pesquisa narrativa, com foco na produção de memoriais biográficos. Foram realizadas pesquisas biográficas e rodas de conversa com mulheres reconhecidas como lideranças em comunidades quilombolas do território de Chã dos Negro, Negro do Osso e Angico, todos territórios pertencentes ao agreste pernambucano.

Essas narrativas foram produzidas oralmente e organizadas por meio de registro escrito, respeitando os princípios da autoria compartilhada e da validação comunitária, sendo narrativas que entrelaçam temáticas relacionadas aos eixos: ancestralidade, resistência e liderança.

6. MEMORIAL BIOGRÁFICO: HEROÍNAS DA RESISTÊNCIA

As análises que compõem este trabalho têm como ponto a revalorização das trajetórias de três mulheres negras que simbolizam a resistência quilombola em sua forma mais viva e potente: Maria Gorete, Valdeane Macedo e Márcia do Angico.

Essas três mulheres convergem no que tange à centralidade da mulher negra na condução dos processos de resistência, autonomia e reconstrução de mundos possíveis nos territórios quilombolas. Assim, os memoriais biográficos aqui apresentados não pretendem narrar histórias lineares ou idealizadas, mas sim dar visibilidade a experiências que foram silenciadas pelos registros oficiais da história e que agora emergem como gesto político e pedagógico de reexistência.

Inspirados na pedagogia da alternância, os processos de construção desses memoriais respeitaram os tempos e os modos de saber das comunidades envolvidas, promovendo uma escuta ativa, sensível e dialógica. Nesse sentido, o memorial não se configura apenas como uma narrativa individual, mas como uma costura coletiva entre memória, ancestralidade e presente, onde cada trajetória analisada é entendida como expressão de um contínuo histórico de luta e reinvenção da vida quilombola.

Desse modo, este preâmbulo se apresenta como um convite à leitura das análises que se seguem, nas quais cada biografia é entendida como um território

narrativo de resistência. São histórias que carregam não apenas o peso da opressão histórica, mas, sobretudo, a força ancestral que sustenta a continuidade das comunidades quilombolas e a reinvenção das práticas educativas, políticas e culturais do povo negro no Brasil.

6.1 GORETE MARTINS QUILOMBOLA DE CHÃ DOS NEGROS



“Sou professora quilombola e militante do movimento quilombola que atua na comunidade Quilombola de Chã dos Negros. Inicialmente considero importante dizer de onde falo e quem está falando. Meu nome é Maria Gorete Martins do Nascimento, tenho 49 anos, sou negra, mãe, quilombola ativista e pesquisadora. Venho desempenhando o papel de Representante da minha Comunidade Quilombola.

Nasci, cresci e estudei dentro desse contexto familiar. Hoje sou o quem sou porque carrego um pouco de todos em mim, num lugar onde, a maioria se reconhece como famílias e como negros, após uma longa batalha para ocupar um espaço na História.

No início de 1997 fui convidada a assumir a minha comunidade, na mesma escola que cursei o ensino primário. Foi uma das melhores coisas que me aconteceram, mesmo sem ter muita experiência. No entanto, as formações iniciais e continuadas, além dos estágios durante o curso de magistério, ajudaram-me bastante a desenvolver um bom trabalho.

Após essas formações, pesquisas e trocar de experiências, posso dizer que houve um progresso. A partir de então, comecei a ajudar minha comunidade, nas reuniões sobre como melhorar se reconhecer e viver em uma comunidade negra, traçando estratégias e buscando políticas públicas para fortalecer a comunidade a reconhecer sua importância enquanto comunidade rural e negra.

Após de três anos atuando em minha comunidade chamada Chã dos Negros, município de Passira - PE, fui convidada para lecionar em outra comunidade Negra de nome Cacimbinha também uma comunidade Quilombola, no mesmo município. Trata-se de um povo pobre e carente de tudo.

Reiniciei com mais experiência, trabalhando para valorizar nossa raça, mostrando que temos cultura e que podemos ir além do que temos, através do estudo. Observei que nunca havia, ali na comunidade, uma professora negra. Pude perceber que havia até um pouco de preconceito por parte da comunidade escolar, mas, depois do meu trabalho, consegui mostrar que o negro também sabe fazer- e fazer muito bem.

Nas Comunidades Quilombolas a Educação de Jovens e Adultos (EJA) continuou funcionando nas escolas municipais, onde fui selecionada para ser Coordenadora Territorial e Pedagógica, em um trabalho voltado para o campo e no campo/quilombo. Esse trabalho será muito proveitoso em relação ao convívio do meu povo na aprendizagem sobre a valorização do campo/quilombo. A cultura foi muito bem explorada, formamos grupos artísticos e culturais na Comunidade Quilombola de Chã dos Negros, como Dança de Coco de Roda, que tornou Ponto de Cultura. Já em Cacimbinha e, em Tamanduá, outra comunidade quilombola, a cultura ficou voltada para a arte em barro e, em Riacho de Pedra a capoeira.

É importante ressaltar a composição da comunidade quilombola de Chã dos Negros, constituída praticamente por famílias pretas que ali foram morar, com sua luta e resistência, e que, desde tempos passados tenta preservar a cultura bem distinta das demais. A comunidade é reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, desde 2004 como “remanescente de quilombo”. A partir desse momento, vem lutando em busca de políticas públicas e acesso a outros programas que possam contribuir para melhoria de vida na comunidade.

Maria Aparecida de O. Souza, questiona o fato de considerar os quilombos como sendo “remanescente” e acrescenta:

A existência dos vários “quilombos”, definidos atualmente como “remanescentes”, inclui reconhecimento de territorialidade própria, referências históricas identificáveis entre os seus membros, engendradas a partir de experiências, valores, costumes e tradições partilhadas; ou seja, são reconhecidos como espaços resultantes das lutas históricas de seus integrantes. Nesse sentido, são “espaços praticados”, com existência própria, singular, e não “reminiscências”, o que me parece inadequado considerá-los como tais (SOUZA, 2006, p. 34).

Neste sentido, continuarei falando do trabalho de interação que tento desenvolver nas comunidades, sabendo que podemos contribuir muito. Portanto, é importante destacar o curso de Pós-graduação Lato Sensu em Educação Intercultural Indígena Quilombola Antirracista.

Trazendo um estudo mais aprofundado, vislumbrando um caminho de saberes e vivências dos povos indígenas e quilombolas com componentes curriculares envolvendo que envolvem os contextos desses povos, reafirmando a história do povo no contexto histórico do Brasil, dentro das Comunidades Quilombolas e dos Territórios Indígenas.

Minha Formação Profissional se iniciou e se propagou a partir do meu Magistério, no ano de 1996.

No seguinte ano, iniciei, no Estudos Gerais, um curso de preparação para os vestibulares. Depois de alguns anos submeti-me a um vestibular e, iniciei uma Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia em Regime Especial, pela (UVA) Universidade estadual Vale do Acaraú.

Já atuava como professora, e foi uma excelente escolha. No mesmo ano do término da Graduação, iniciei uma Especialização em Psicopedagogia, pela (FACOL) Faculdade Osman Lins.

Outros cursos ao longo do caminho me incentivaram para ir além. É importante citar um deles: o Desenvolvimento Curricular e Educação Intercultural Decolonial, oferecido pelo IFPE Sertão, (Instituto Federal de Pernambuco). No qual trabalhei com mais intensidade a sobre o ser e viver numa comunidade quilombola reconhecendo minhas origens.

Ainda em 2019, iniciei um Mestrado Livre, o que ampliou meus conhecimentos, os quais busco pôr em práticas no contexto escolar onde leciono. Hoje, tenho Licenciatura em Pedagogia e em Português. No momento atuo nas turmas da EJA Quilombola nos Anos Finais, na Áreas de Humanas, em História e Geografia, dando ênfase no contexto da Formação dos Povos Negros no Brasil.

Concluído a Pós-graduação em Educação Intercultural Indígenas e Quilombolas Antirracista, com o objetivo de formar os educadores interculturais nas perspectivas críticas decolonial e antirracista. A Metodologia baseada na Alternância Pedagógica e no Pressuposto da ecologia de Saberes. Partindo do Pressuposto da Ecologia de Saberes valorizou-se a participação de mestres e mestras, reconhecidos por suas comunidades, por seus saberes tradicionais Indígenas e Quilombolas. Considero interessante ressaltar a importância da Pedagogia da Alternância, tendo em vista que se trata de uma prática pedagógica que serve como guia para a educação do campo, de acordo com João Batista P. Queiroz, na Alternância não se trata apenas de articular dois espaços, dois lugares diferentes. É necessário “[...] colocar em coerência duas relações com o saber num projeto de formação”. E para isso se faz necessário “uma pedagogia do saber partilhado” que, reconhecendo as diferenças e as contradições, as torne formadoras. (QUEIROZ, 2004, p. 103). Desta forma, trago minha experiência em Educação do Campo para contribuir com a Educação Escolar Quilombola.

As comunidades quilombolas representam um legado de resistência e luta contra as opressões históricas, vivenciadas pela população negra no Brasil. Esses territórios marcados por sua riqueza cultural e histórica, têm enfrentado desafios contínuos relacionados à preservação de suas identidades e a superação de desigualdades estruturais.

Posso citar muitos autores e construtores de minha personalidade que hoje sou. Um desses o Nego Bispo por sua altives de nos conduzir as confluências de nossas vivências, Lélia Gonzales com seu conceito de Americanidade, identidade que liga o negro da América latina à ancestralidade africana. Dentre outros não posso deixar de falar sobre Frantz Fanon que em seu livro titulado: Pele Negra, Máscaras Brancas, mostrando como o negro, sob o olhar branco, é levado a negar a se mesmo para ser aceito. E que agora nós enquanto representante e ativista temos um dever de conduzir nossos negros quilombolas a se orgulhar de ser negros.”

6.2 VALDEANE MULHER RESISTENTE DE NEGRO DO OSSO



Em um mundo que frequentemente nos desafia, a história de Valdeane Macena dos Santos é um farol de esperança. Uma história de resistência, onde a determinação floresceu em meio à adversidade, e a vontade de existir superou os obstáculos."

Nascida em pesqueira-PE, Valdeane, como muitas mulheres, carrega em si a força de uma guerreira. Para começar gostaria de evidenciar as conquistas dessa pessoa que, em meio aos obstáculos enfrentados desde sua infância não se deixou ser engolida pela realidade difícil, de onde ela se tornou protagonista de sua história, e hoje é espelho para várias outras meninas de seu território, chamado "Nego do Osso, também em Pesqueira-Pe. Professora de Educação física, pós-graduada em Educação Intercultural Quilombola Antirracista, pelo IFPE- Campus Garanhuns em 2024. Especialização esta que mexeu com suas estruturas, pois apesar de saber que suas conquistas foram resultadas de muito esforço, ela se descobriu, se reinventou dentro de uma nova perspectiva, que a possibilitou pensar como sujeito da história, trazendo contribuições do seu povo, com seus saberes ancestrais e muita luta no espaço em que considera território sagrado.

Valdeane Macena dos Santos, nascida em 30/03/1993 na cidade de Pesqueira_ Pe. Desde então criada no Quilombo Nego do Osso. Aos 7 anos com a separação dos pais foram morar em outra localidade, comunidade chamada sem-terra, até os 13 anos. Em 2007 vai morar com a avó materna. Em busca de mais oportunidade se muda para um assentamento em 2008 na cidade de Alagoinha PE, no sítio Jenipapinho. Com muitas dificuldades por conta da distância entre a escola e o assentamento conseguiu estudar, cursando o ensino médio, fez o 1 ano em Venturosa-PE, o segundo ano em Alagoinha-PE e por conta da dificuldade desistiu antes de começar o 3 ano. Em 2010. Nesse período de abandono dos estudos, conheceu um rapaz ao qual foi morar em Arco-verde-Pe. Em 2012 voltou a estudar o magistério. Nesse mesmo período chegou ao fim o relacionamento, onde teve que voltar a morar no Quilombo do Nego do Osso, em Pesqueira-Pe.

Em 2013 já na comunidade Negro do Osso, concluiu o 4º ano do magistério, onde surgiu a oportunidade a convite, de lecionar em uma turma do EJA. (Educação de Jovens e Adultos). Em 2014 como auxiliar de sala, na função de intermediadora de pessoa com deficiência, com apoio do professor Romero, pessoa da comunidade concluiu mais um trabalho. Nesse momento chega o projeto da construção de uma nova escola, um espaço maior, pois desde sempre a sala de aula era dividida por duas turmas. O processo de construção da escola durou até o ano 2016, no começo de 2017 volta a funcionar, agora num espaço maior, e Valdeane como professora do EJA. No mesmo ano ganha uma bolsa do PROUNI, com nota do ENEM teve a possibilidade de entrar numa faculdade, no curso de Educação Física. A partir de 2018 começava uma nova experiência em sua vida, como professora de educação física. O tempo passa e mais oportunidades aparecem, na área de educação trabalhou como professora de reforço em diversas disciplinas, até final de 2023.

Como líder do Quilombo do Nego do Osso desde 2019, Val (como é mais conhecida na comunidade), tinha o desejo de mudança em seu território e sempre buscava dentro de suas possibilidades agregar educação e cultura junto as crianças da comunidade. Criou o grupo Maculelê, com crianças do quilombo, onde o intuito inicial era despertar as crianças para alguma atividade esportiva, foi quando Val comprou uma bola de vôlei, e a partir daí deu-se a modalidade em todo final de semana, no final da tarde. Com a pandemia da covid-19 veio as dificuldades e mais uma vez Val pensou em como não perder o contato com as pessoas da comunidade, já que a pandemia pedia afastamento naquele momento. Então ela voltou a pensar no grupo Maculelê e na escola desenvolveram um grupo de dança sobre as raças, onde veio mais tarde a se apresentarem em diversas cidades da região.

A partir dessa experiência de grupo, se deram conta e se reconheceram como pessoas quilombolas. Em 2021 concluiu a faculdade de educação física, e mais uma vez uma porta se abre, em 2023 surge a possibilidade de uma especialização, algo muito além do que ela poderia imaginar, um curso onde seus valores ancestrais estariam em voga, seu modo de ver o mundo agora poderia ser explicado e debatido junto a outras pessoas com diferentes visões, mas com um único propósito: Ressignificar os conhecimentos que até então tinha uma “verdade” única, a do

colonizador europeu. Esse curso que teve como tema, Educação Intercultural Quilombola, indígena e Antirracista, mudaria para sempre seu modo de pensar outras possibilidades.

Sem querer perder o fio condutor que a leva a mais e mais conhecimentos, iniciou ainda em 2024 outra graduação, agora na área de educação escolar quilombola com habilidade em História e geografia, na Universidade de Tocantins-UFT.

6.3 MARIA MÁRCIA: ESPAÇO DE LUTA E RESISTÊNCIA - ANGICO



A história de Maria Márcia Rodrigues de Almeida, mais conhecida como Márcia do Angico, é um verdadeiro exemplo de força, determinação e amor pela sua terra e seu povo. Nascida no sítio Angico, em Bom Conselho, Pernambuco, sua trajetória de vida é marcada por desafios e superações, moldando uma líder comunitária que transformou a realidade das comunidades quilombolas da região.

Filha de Antônio Nonato de Almeida e Doralice Rodrigues da Silva, Márcia cresceu em um ambiente de simplicidade, cercada pela vida rural e pelos costumes de sua comunidade. Seu nascimento, como o de tantas outras crianças da zona rural, aconteceu em casa, sob os cuidados da experiente parteira local, Dionísia. Esse início de vida já revelava o quanto a comunidade e suas tradições estariam profundamente entrelaçadas ao seu destino.

Na época de sua infância, não havia escolas regulares nas proximidades do sítio Angico. As crianças da comunidade estudavam em pequenos espaços improvisados, muitas vezes cedidos pelos proprietários de fazendas locais. Márcia iniciou seus estudos na fazenda do senhor José Alípio, onde, em uma turma multisseriada, aprendeu as primeiras letras com a professora Lia, nora do dono da fazenda. Essa fase foi marcada por muitas idas e vindas entre fazendas, como a do senhor Nilton Ferreira, onde estudou a segunda série, e a fazenda da senhora Cezina, onde cursou a terceira série.

Foi apenas em 1979 que uma escola formal, o Grupo Escolar Doralice Severino Barbosa, foi construída em sua comunidade, no governo de Manoel Tenório Luna. Ali, Márcia concluiu a quarta série, mas a busca pelo conhecimento a fez trilhar caminhos mais longos. Para continuar os estudos, frequentou a Escola Frei Caetano de Messina, em Bom Conselho, onde cursou da quinta à oitava série. Como morava no sítio, enfrentava a distância indo a pé até a cidade e, durante a semana, ficava hospedada na casa de suas tias, Odete e Nicinha.

Determinada a ajudar sua comunidade, Márcia escolheu o curso de Magistério na Escola Coronel José Abílio, também em Bom Conselho. Esse foi um passo decisivo em sua vida, pois lhe deu as ferramentas necessárias para alfabetizar as crianças de sua região. Em 1993, já formada, ela começou a trabalhar como professora na Escola Doralice Severino Barbosa, ensinando uma turma multisseriada de 50 alunos. Seu compromisso com a educação e com sua comunidade era evidente, e em 1995, após ser aprovada em concurso público, continuou a lecionar na mesma escola, desta vez como professora municipal.

Mas a atuação de Márcia não se limitou à sala de aula. Sua visão de mundo e seu desejo de mudança a levaram a fundar, ainda em 1995, a Associação de Produtores Rurais do Sítio Angico. Eleita presidente da associação, Márcia iniciou uma jornada incansável de lutas pelos direitos das comunidades rurais e quilombolas de Bom Conselho e região. Sua liderança, conhecimento das causas sociais e persistência abriram portas para conquistas históricas.

Ao longo dos anos, Márcia lutou para garantir que as comunidades quilombolas fossem reconhecidas e beneficiadas por políticas públicas. Uma de suas primeiras grandes vitórias foi a instalação de energia elétrica em propriedades rurais quilombolas em 1996, um projeto do governo de Pernambuco. Nesse mesmo ano, ela também articulou a implementação de um projeto de tração animal, facilitando o trabalho dos agricultores da região.

Outro marco importante foi a inclusão das comunidades quilombolas no Programa Bolsa Família, em 1997, o que garantiu um suporte financeiro fundamental para muitas famílias. No ano seguinte, Márcia conseguiu viabilizar a

adesão ao Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), que oferecia crédito e apoio técnico para pequenos agricultores. Com esse apoio, muitas famílias puderam melhorar suas condições de produção e ampliar suas atividades no campo.

A defesa pela segurança alimentar das comunidades também foi uma de suas bandeiras. Em 2000, Márcia articulou com a ADAGRO a vacinação de animais nas propriedades rurais, garantindo a saúde dos rebanhos e a segurança alimentar das famílias. Em 2002, em parceria com a Fundação Cultural Palmares, conseguiu a distribuição de cestas básicas para as comunidades quilombolas.

Outro projeto essencial para a melhoria da qualidade de vida no campo foi o Programa Cisternas, coordenado pela ASA (Articulação Semiárido Brasileiro), que Márcia trouxe para a região em 2003. A construção de cisternas permitiu que as famílias armazenassem água para o consumo durante os longos períodos de seca, um problema recorrente no Nordeste.

Márcia sempre acreditou no poder da educação e da organização comunitária. Em 2006, ela foi uma das articuladoras do programa Saberes da Terra, que promovia a valorização dos conhecimentos tradicionais das comunidades quilombolas e a educação contextualizada no campo. No mesmo ano, ajudou a fundar uma cooperativa de crédito em parceria com o Sindicato e o Ministério do Desenvolvimento Agrário, facilitando o acesso ao crédito para os agricultores.

Não satisfeita, em 2007, Márcia lutou pela construção de uma escola quilombola, um projeto do governo federal, que se concretizou, garantindo que as crianças da comunidade tivessem acesso à educação de qualidade perto de suas casas. No ano seguinte, ela garantiu a inclusão das comunidades quilombolas no Programa Leite Para Todos, que proporcionava acesso a leite para as famílias mais carentes.

A força e liderança de Márcia não passaram despercebidas. Em 2012, ela foi eleita vereadora no município de Bom Conselho, representando as comunidades quilombolas e os agricultores rurais. Seu mandato foi renovado em 2016, mostrando

o reconhecimento de sua luta e dedicação ao povo. Além disso, em 2018, foi nomeada 2ª suplente do senador Humberto Costa, cargo que exerce até hoje.

Seu trabalho incansável também trouxe reconhecimento em outras esferas. Como coordenadora do Movimento Quilombola em Bom Conselho, Márcia atuou diretamente na promoção dos direitos das comunidades tradicionais, lutando por políticas públicas que visassem a melhoria da qualidade de vida dos homens e mulheres do campo. Com sua ajuda, quase todas as comunidades quilombolas do município de Bom Conselho foram reconhecidas oficialmente, um marco histórico para a região.

Márcia, agora com 50 anos, continua sua jornada com o mesmo vigor. Além de suas funções políticas e comunitárias, ainda atua como professora, aguardando sua aposentadoria. Sua luta, no entanto, está longe de terminar. Seu coração enorme a impulsiona a seguir ajudando sua comunidade e tantas outras, sempre em busca de justiça social e igualdade.

A história de Márcia Rodrigues de Almeida é a de uma mulher negra, filha de agricultores, que enfrentou o preconceito, as dificuldades econômicas e as barreiras impostas por uma sociedade que muitas vezes marginaliza os menos favorecidos. Contra todas as probabilidades, Márcia desmistificou a ideia de que negros e pobres não podem ocupar espaços de poder. Ela provou, com sua garra e determinação, que todos podem alcançar seus sonhos e mudar a realidade ao seu redor. Sua vida é um exemplo de luta e inspiração, um testemunho de que, com fé, coragem e dedicação, é possível transformar o mundo.

Para todos aqueles que cruzaram seu caminho, Márcia é um símbolo de força e persistência, e seu legado continuará a inspirar gerações futuras na busca por uma sociedade mais justa e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou destacar a importância das mulheres quilombolas na resistência e na luta pela justiça social. É fundamental que sejam ouvidas e

valorizadas as vozes e experiências das mulheres quilombolas, e que sejam implementadas ações que visem promover a igualdade e a justiça para essas comunidades. Além disso buscando resgatar o apagamento e enaltecer suas ancestralidades através dessas memórias. Em estudo analisamos experiências das mulheres quilombolas, que enfrentam desafios específicos relacionados ao gênero, raça, classe e território. Compreendendo suas vivências e suas lutas a partir de seus territórios, fortalecendo o protagonismo das mulheres em seus espaços, colaborando para que outras pessoas conheçam suas experiências a partir de suas experiências, compartilhadas em seus espaços.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Maria do Socorro Lucena. *Educação do campo e pedagogia da alternância*: desafios e possibilidades. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

CARNEIRO, Edison. *O quilombo dos Palmares*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber*: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.

MIGNOLO, Walter D. Epistemologias do Sul e a opção decolonial. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 81-117.

QUILOMBO AQUALTUNE. Aqualtune: princesa africana e matriarca da resistência. *Revista Palmares*, n. 12, 2021.

QUILOMBO DOS PALMARES. *Dandara dos Palmares*: a história da guerreira que lutou contra a escravidão. Fundação Cultural Palmares, 2020.

QUILOMBOLAS DO SÉCULO XXI. *Memórias vivas*: a trajetória de Márcia. Projeto Memória Quilombola, 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo*: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.